

## A Palavra Nômade em Escrituras Vacantes

*La Palabra Nómada en Escrituras Vacantes*

*The Nomad Body in Scriptures of Deviance*

Monica Toledo Silva

**Resumo:** Através de leituras transversais acerca dos modos de migração vivenciados na literatura por autores distintos, que por razões variadas são estrangeiros em outro país, este artigo apresenta modos de vida desde realidades transculturais, para sugerir que o pensamento nômade, presente em estudos de filósofos como Agamben, Derrida, Negri e Zumthor, apropria-se da linguagem performativa e do entendimento do corpo como um campo de mobilidade e reinvenção permanente de si. A criação de imagens, visuais e escritas, ultrapassa gêneros fixos para navegar por autobiografias próprias em formas criativas de tempos e espaços simultâneos; este ensaio apresenta um processo investigativo também autoral, num exercício de linguagens visual e escrita acerca de uma expressão da forma narrativa da própria autora.

**Palavras Chave:** Corpo. Literatura. Desvio. Subjetividade. Migração.

**Resumen:** A través de lecturas transversales sobre los modos de migración vividos en la literatura por distintos autores, quienes por diversas razones son extranjeros en otro país, este artículo presenta modos de vida desde realidades transculturales, para sugerir que el pensamiento nómada, presente en estudios de filósofos como Agamben, Derrida, Negri y Zumthor, se apropia del lenguaje performativo y de la comprensión del cuerpo como campo de movilidad y reinvencción permanente de sí. La creación de imágenes, tanto visuales como escritas, va más allá de los géneros fijos para navegar a través de las propias autobiografías en formas creativas de tiempos y espacios simultáneos; Este ensayo presenta un proceso investigativo también autoral, en un ejercicio de lenguajes visuales y escritos sobre una expresión de la propia forma narrativa del autor.

**Palabras Claves:** Cuerpo. Literatura. Desvío. Subjetividad. Migración.

**Abstract:** Through cross-readings of the modes of migration experienced in literature by different authors who, for various reasons, are foreigners in another country, this article presents ways of life from trans-cultural realities, to suggest that nomadic thinking, present in studies by philosophers such as Agamben, Derrida, Negri and Zumthor, appropriates performative language and the understanding of the body as a field of mobility and permanent reinvention of the self. The creation of images, both visual and written, goes beyond fixed genres to navigate through their own autobiographies in creative forms of simultaneous times and spaces; this essay presents an investigative process that is also authorial, in an exercise of visual and written languages about an expression of the author's own narrative form.

**Keywords:** Body. Literature. Deviance. Subjectivity. Migration.

Monica Toledo Silva – Artista e pesquisadora das imagens do corpo nas artes audiovisuais, cênicas e literárias. Semiótica (PUC SP), com pós doutorados em Comunicação (UFMG), Artes (UNICAMP) e Humanidades (USP). Site: <http://monica1605.wixsite.com/mysite>. E-mail: [monica1605@gmail.com](mailto:monica1605@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

## 1. A Palavra Nômade em Escritas Vacantes

*Permanecemos na língua para melhor dominá-la;  
melhor corroê-la; melhor, enfim, desfazê-la. (Paul Zumthor)*

Através de leituras transversais e um interesse crescente sobre modos de migração e realidades do refúgio vivenciados por indivíduos magrebins e europeus que por razões distintas são estrangeiros em outro país, este artigo apresenta formas de vida desde realidades transculturais, sugerindo que o pensamento nômade se apropria da linguagem performativa e do entendimento do corpo como um campo de mobilidade e reinvenção permanente de si.

Os novos refugiados que nos últimos anos constituem o fenômeno que ultrapassa as noções de pertencimento e identidade, e afoga dicotomias desde antes datadas – corpo e cultura, natureza e espaço, um e outro, dentro e fora –, convidam a explorar a cada tempo novos nomadismos e territórios. O entendimento de um sujeito provisório que vive suas realidades em durações e estados de presença próprios, fragilidade e potência em igual medida. Partindo da condição de refugiados que renovam incessantemente cenários americanos e europeus, entre campos e margens, proponho ultrapassar as noções clássicas de pertencimento e identidade e explorar estes a cada tempo novos nomadismos (porque também são nossos) e territórios (visíveis e invisíveis).

O olhar sobre obras literárias nas realidades da migração traz a cultura como sistema complexo de encontros (ou fronteiras) e revela uma comunicação indeterminada por contextos de alteridade. O marroquino *queer* Abdellah Taia (2021, p.49), desde a perspectiva da fuga para uma vida mais digna, relata um encontro com espaços também vacantes das periferias da França:

*Eu adoro Paris. É a minha cidade. Eu não tenbo cidadania francesa, mas ninguém pode me negar este direito. Este pertencimento. Paris é minha cidade, meu reino, meu caminho. Era pra cá que eu queria fugir. É como ir ao teatro ou ao cinema para assistir um espetáculo com o seu ator favorito, não aquele que te excita sexualmente, mas aquele que te faz sonhar. É isso que encontro nos paquistaneses. A paz. O paraíso. O amor que dispensa palavras. Eu estava certa em não desistir. Meu destino finalmente se cumpriu, verdadeiro desde o início. Havia um sentido para essa vida torturada, sem gosto, por tanto tempo arruinada. Eu precisei atravessar o imenso deserto para finalmente encontrar meu oásis. O desejo de um coração sincero sempre será atendido. A estrada escura pode levar a qualquer lugar. O inferno talvez seja eterno mas um dia ele deixa de ser apenas o inferno. Ele se transforma. Nós nos adaptamos. Algo se abre em nós. O que acontece dentro de mim me ultrapassa. Eu vivi muitos dramas e tragédias em Paris. Aqui conheci a imundície, a podridão, o sórdido, o inominável. Nada mais me afeta. Apenas meu amor por Iqbal me guia. Naquela noite eu recusei todos os clientes. E cuidei de Iqbal. Esquentei o leite com tomilho. Despejei em um grande vasilhame. Coloquei bastante açúcar. E preparei um doce de tâmara. (TAIA, 2021)*

A situação do deslocamento ultrapassa as situações ou realidades do refúgio, migração e nomadismo para caracterizar a escritura de muitos artistas como forma de expressar acontecimentos do corpo. Dessa maneira, apresento narrativas que ultrapassam bordas bem delineadas de espaços

e tempos determinados, em mapeamentos provisórios configurados dinamicamente por estados de presença. Sendo o destino o trajeto, o meio torna-se o lugar.

A diversidade ofertada pelo ato de deslocar-se, portanto, amplia a percepção da migração impositiva do fluxo forçado de refugiados para alocar-se num pensamento vivo e atemporal que desconhece o espaço físico e, antes, o agrega em narrativas performadas por um corpo vivo – atento, afetado, aberto. Esta natureza de linguagem é forma de se mapear realidades próprias, reinventar gestos, gerar processos de significação, compor narrativas. Percebendo a imaginação como parte da realidade e o corpo como criador de si próprio, a todo instante atravessado por imagens e memórias atualizadas, e o afeto como desestabilizador de certezas, como lidar com a fantasia sem que esta deixe de ser parte da realidade cotidiana?

Negri (2018, p.175) acrescenta que “os efeitos da imaginação se originam nas coisas corpóreas, e assim suas causas não envolvem nenhuma coisa futura. A imaginação percorreria todo o real, seguindo em tudo os traços do intelecto, concatenando imagens e palavras sem interrupção. A subjetividade se constituiria como o *comatus* humano, desdobrando-se em torno de si. Palavra fraturada, escrita como rastro que exprime uma presença, que evoca um entendimento sensorial. Uma certa literatura desviante e aberta ao vazio ocupa espaços híbridos na evolução da linguagem literária. Autoras e autores de nacionalidades muito distintas, do Brasil ao Marrocos, EUA e França, revelam escritas decolonizantes em enunciados distantes das especificações de gênero literário.

Expandir nomenclaturas como ficção, realidade e dramaturgia, é renovar formas de apresentação do sujeito e do objeto em suas subjetividades. Sylvia Plath compartilha em sua coleção de obras em momentos de solidão ou desamparo. A abordagem de si, numa escrita performativa, navega e se atribui gêneros e narrativas simultâneas e promove a diversidade dos elementos sígnicos (objetos singulares de cada obra) que vêm se configurar num desenrolar espalo-temporal próprio. A passagem do tempo no mundo (cronometrado, regulamentado) se distancia do tempo do corpo em si, um conglomerado de tempos e espaços simultâneos que evidenciam realidades de cada autor.

Se já não vemos novidade quando lemos a tragédia que se une à fantasia, ou o romance à história, ao encontrarmos estas estratégias num universo que desfaz tempo e lugar para se apresentar como imortal, sobrevivente ou simples *flanêur* de ruínas ou guetos marginalizados, nos deparamos com realidades do nomadismo e da migração para muito além dos contextos de guerra e êxodo –como presenciamos na última década de maneira extensiva, desde a travessia de africanos e asiáticos em botes infláveis pelo Mediterrâneo, aos deslocamentos intercontinentais na América, recentes travessias trágicas de palestinos para o Egito, fluxo de milhões de ucranianos para países vizinhos, que vêm somar-se a esta paisagem urbana de qualidade abjeta, que mal se recompôs das últimas guerras europeias, como as da ex-Iugoslávia e ex-países soviéticos.

Enquanto Derrida (2016) aponta para a ilusão da unidade, que permitiria o percurso entre as formas poéticas e as estruturas psicológicas, aproximando discursos distintos de uma historicidade “desde há muito subtraída ao pensamento”, Negri (*ibid.*, p.264-5) propõe uma “total aderência da espontaneidade da mente e da subjetividade” ao problematizar o afeto e as afecções do corpo, “pelas quais a potência de agir do próprio corpo fica acrescida ou diminuída, favorecida ou impedida, e ao mesmo tempo as ideias dessas afecções.”

Composições narrativas que representam um discurso tal qual ele se apresenta no mundo: um composto de referências simultâneas, pensamentos transpostos, falas interruptas, somadas a

esquecimentos, distrações, abandonos. Para Merleau-Ponty (1964), o caráter corpóreo da significação não é só objeto do pensamento: “No processo contínuo de atualizações, essa materialidade ou corporeidade da linguagem torna-a ambígua; ao fazer parte do mundo da experiência, a linguagem é uma faculdade do mundo sensível, familiar a nós”.

O mundo da palavra seria comunicação entremeada de silêncios e desvios. A abordagem do corpo como um conjunto de acontecimentos unidos por redes de relações viabiliza o entendimento de práticas aderentes a partir de vivências. O gesto da escrita atualiza a presença sensorial e compõe realidades num ensaio orgânico desde um estado carregado de visibilidades, e de discursos do corpo como conteúdos enredados. Escrever (imaginar em palavras) a situação de um corpo: recuperado, inédito, afetado; a escrita como ato performativo. Terminologias para ações corpóreas no mundo e na arte é tarefa tão científica quanto inventiva, que requer uma busca híbrida. Por Monique Malcher (2020, p.143):

*E é sempre o mesmo lugar com pessoas estranhas, que perderam o caminho que alguém quis para elas. Sei me mover, cobra que sou, me desfaço de tudo, e engulo o mundo enquanto quebro os ossos que restaram. A história é de vida passada, onde tudo foi feito do jeito que não consegui repetir nessa, mas tudo é eterno retorno. E a música vai refurando as narinas, Florianópolis parece menos fria às vezes, lembro de Belém, na noite estranha, cheirando morte e vida. É difícil ser estranha por aqui. Danço bem sozinha e a panturrilha dói, o sangue não circula, a mão das lembranças segura uma das pernas, engato no movimento, sempre achei que poderia me sentir por acidente um alguém livre. Não sinto muito por nada. É julbo e preciso dançar para gastar pesadelos. As árvores dançam junto. São muitos os tons de verde, são tantos como tantas foram as esperanças na caminhada até esse ponto, ainda perdido. Verde-claro, cintilante, neon, opaco. A árvore que se apresentou para mim naquela noite tinha todos os verdes nas folhas, era um degradê que sorria quando o vento batia, e riam as folhas miúdas. Decifrando meus últimos acontecimentos de migrar para não querer de novo morrer, e já quis tantas vezes. O problema talvez seja eu, não o meu lugar. E que lugar é mesmo meu... tenho que acreditar que esse outro lugar é melhor que o rio, que a falta de sal. Não é "de onde tu é", mas "tu não é daqui né", os dias têm sido sempre com essa pergunta. Em nada combinávamos, eu e a árvore, mas papeamos, duas senhoras solitárias e fortes. A água do mar batia na raiz, podia sentir meus pés molhados mesmo que não estivessem. Eu era a árvore, vivendo, caminhando como se meus pés não estivessem conectados ao chão. Tenho raiz, uma raiz de rio, de barco, de floresta, de cidade castigada, colonizada, mas forte, apesar de tanto e de tudo. Aonde quer que eu vá ainda tenho um sentimento doído de não lugar mas quando ouço a voz da mainha sei que sou dos rios do Pará, por mais que em qualquer outro lugar não entendam o que é ser desse canto. Faz tanto tempo que cheguei a Santa Catarina que procurei uma árvore como essa, que lesse minhas tantas lembranças ruminadas. Lembro de tudo sempre e vou remoendo. Já fui árvore sem folhas. Era difícil estar tão longe de Belém. A árvore da Lagoa fez um barulho de chuva pra chamar a atenção, ela já sabia tudo sobre a ruminação, sobre o que temi, desejei. Era um espelho dos meus anos, e balançava, sorrindo. Era a voz da mamãe nas folhas, que voaram ao meu encontro. Era o barulho do mar fingindo ser rio só pra me agradar. Era minha casa no meio do lugar nenhum. Meu território é onde os pés tocam, aqui também tinha que ser minha casa.*

Leyla Perrone-Moisés (2016, p.72) nos lembra que, apenas no século XIX, a literatura se torna uma disciplina autônoma, sob a forma de história literária, e seu estudo cimentava nacio-

nalidades (século da consolidação de nações, reforço dos nacionalismos). Hoje em dia, o estudo particular de literaturas nacionais teria-se tornado artificial e anacrônico. Na prática, opina a teórica brasileira, as literaturas nacionais do chamado ocidente nunca existiram isoladas umas das outras.<sup>1</sup>

Um campo da literatura emerge de enunciados que revelam realidades fragmentadas em práticas autorais complexas, que efetivam encontros inescapáveis entre linguagens e usos da palavra não apenas como portadora de sentido. O exemplo “clássico” segue sendo o *nouveau roman* francês, tendo o manifesto (“A era da suspeita”, 1956) de Nathalie Sarraute e o ensaio de Alain Robbe-Grillet (“Por um novo romance”, 1963) como ícones da celebração deste movimento moderno, também muito celebrado em adaptações para o cinema. O *nouveau roman* decreta a morte do romance de tipo balzaquiano – personagens individualizadas e intrigas inteligíveis –, optando por uma atitude fenomenológica, com descrições impessoais, ambientes e gestos que criam narrativas a serem interpretadas pelo leitor, como enigmas.

As modernas Sylvia Plath, Virginia Woolf e Simone de Beauvoir somam-se à jovem parense Monique Malcher em vozes que vivenciam sua corporeidade desconfigurando suas vivências em novos territórios. O ato de deslocar-se ultrapassa realidades do refúgio para alocar-se num pensamento atemporal que desconhece o espaço físico e, antes, o agrega em narrativas performadas por um corpo atento e aberto. Palavra fraturada, escrita como rastro, que não diz mas que exprime uma presença, num entendimento cognitivo de espacialidade linguística, semiótica e sensória, *embodied*. Assim diz Sylvia Plath (2020, p.171):

*A pedras jaziam inertes e frias sob meus pés descalços. Tive certa nostalgia dos sapatos pretos. Uma onda se formou e quebrou, tocando o meu pé. A umidade parecia vir do fundo do oceano, onde peixes brancos e cegos viajavam movidos pela própria luz rumo ao grande frio polar. Imaginei dentes de tubarões e cartilagens de baleia espalhados como lápides por lá. Esperei, como se o mar pudesse decidir por mim. Outra onda quebrou aos meus pés, enfeitada de espuma branca, e o frio agarrou-se aos meus tornozelos com uma dor terrível. Covarde, minha pele crispu-se diante de uma morte como aquela. Sob uma luz violeta peguei minha bolsa e voltei pelas pedras frias até o lugar onde meus sapatos faziam sua vigília. Parecia haver fumaça saindo dos meus nervos, como aquela que saía das churrasqueiras e da estrada. Toda a paisagem - praia, encosta, mar e pedras - tremia diante dos meus olhos como a cortina de um palco. Fiquei me perguntando em que ponto do espaço aquele azul besta e ilusório do céu ficava preto. Estava sentada na saleta de leitura ou no meu quarto quando uma enfermeira sorridente aparecia e anunciava a chegada de um visitante. Eu odiava aquelas visitas porque sentia que elas ficavam comparando minha obesidade e meu cabelo seco com aquilo que eu havia sido e com o que elas queriam que eu fosse e eu sabia que saíam de lá completamente desconcertadas.*

<sup>1</sup> Roland Barthes (*apud* PERRONE-MOISÉS, 2016, p.79) aponta três funções, ou forças, da literatura: lugar de saberes (*mathesis*); ela não sabe coisas (como as ciências), mas sabe das coisas; busca representar o real (*mimesis*), irrepresentável na linguagem verbal – sendo essa a busca que a constitui –; a literatura joga com os signos (e não usa os signos [*semiosis*]), deslocando-os de seus usos habituais e práticos, e tornando-os visíveis .



Imagens 1 e 2: Frames do vídeo “Tea time” (Monica Toledo Silva, 2021).

## 2. Pensamentos Deslocados

A abordagem do corpo como um conjunto de acontecimentos unidos por redes de relações inspira o entendimento de práticas criativas que convergem desde vivências pessoais e de experiências na formulação de textos e na elaboração de imagens. A criação de imagens, visuais e escritas, ultrapassa gêneros fixos para navegar por autobiografias em formas criativas que nos permitem agir e criar a partir de acontecimentos, e a ação atualiza nossa presença perceptiva e sensória.

Uma obra escrita é também geradora de imagens, ativando ficções próprias em falas múltiplas, e geram discursos simultâneos que se perdem e se repetem ao longo do tempo e espaço, e dialogam com o corpo como fenômeno, potência ou estado aberto. O fluxo do pensamento do corpo se manifesta em todas as formas discursivas. A criação é atrelada ao pensamento na condição de esboço e tensão que lhe são inerentes.

A linguagem se dá como corporeidade que acena para a subjetividade e objetividade como indissociáveis. A presença se configura na duração e intensidade, numa amplitude que independe do tempo (sendo atemporal) e do espaço (em sua materialidade). A enunciação de um corpo deslocado ocupa este espaço de passagem, lembrado ou futuro, que torna o rio, o mar, a pedra, a cama, um vir a ser próprio. Corporeidade expandida por um território sempre a ser criado, vivência tornada real na relação com o entorno, com o vazio de afetos proporcionado por um outro espaço, agora sensorio, criador de paisagens que ressignificam os modos de viver a realidade.

O transitório como matéria criativa aciona a percepção de uma singularidade também dinâmica. Outros entendimentos para práticas de escrita do corpo podem ser pensados nas formas do nomadismo da linguagem literária, aderentes aos indivíduos em terras estrangeiras, em estados que são atualizados a cada tempo e lugar em vivências nas quais convergem futuros e passados. Estas experiências ganham visibilidade em realidades sobrepostas, acionando um nomadismo como forma e sentido para os deslocamentos nos contextos de uma estética migratória. Para este corpo-situação, apresento uma estética escrita e visual performada por intensidades e durações.

As imbricações semióticas nos alcances dos pensamentos de Lotman, Jakobson, e mais tarde Saussure e escolas derivadas da semiótica da cultura desde sua origem russa na linguística sempre convivendo com as artes, é ao mesmo tempo estar no mundo, sensível a ele, atento a convergências das linguagens estéticas em representações (apresentações) do corpo móvel e afetado por seu entorno – que também é feito por ele. Assim, entre desvios de sentido e novos significantes, há uma semiótica desde sempre híbrida; propomo-nos a investigá-la desde campos de subjetividade em convergências das linguagens. Entre desvios de sentido, (re)encontramos uma possibilidade de investigação desde nossas subjetividades e criação de memórias e imaginários.

O conhecimento como intuição contempla as coisas como contingentes, e não como necessárias: "cada ideia de qualquer corpo, ou de uma coisa singular, existente em ato". Do latim *textum*, tecido, tecer, a palavra texto seria "maneira de tecer" ou "coisa tecida", que adquire o sentido da evolução semântica, estruturação ou "composição literária" (SOUZA, *apud* RIBEIRO, 2020, p.115). Em sua dimensão ontológica, palavras seriam fios, e o texto, o tecido organizado, num todo significativo oral, escrito, verbal, não verbal.

Derrida (2016, p.250; 243) aponta para a ilusão da unidade, que "permitiria nos dois sentidos a transferência de figuras analógicas e o percurso do domínio compreendido entre as formas poéticas e as estruturas psicológicas", e passa a proceder numa espécie de "proximidade infinita entre estes dois discursos numa profunda incompatibilidade e contudo infinitamente próximos um do outro.

O filósofo argelino elucida a historicidade desde há muito subtraída ao pensamento, mais respeitador da singularidade selvagem perante o problema da obra e da loucura", e acrescenta que rupturas que são desvendamentos já se anunciam sempre "na confusão e na noite, isto é, também sucessivamente na animalidade e na natureza em geral". Derrida alude simultaneamente à via do sentido e a do não-sentido.

A subjetividade dá vazão ao novo, e busca dar forma à ação criativa, que se reinventa e se adapta, e navega por estudos científicos que oxigenam as linguagens clássicas; é também investigar modos pelos quais se fazer presente em escrituras audiovisuais, impressas, virtuais.

A performance nas artes hoje (visuais, sonoras, em escrituras e dramaturgias) se dá ao agregar conteúdos transitórios, móveis<sup>2</sup>. Nesse sentido, a performance é desdobramento do

<sup>2</sup> *Mousikè* (grego) designa a dança, a música, as estruturas métricas do poema e a prosódia da palavra, de forma una.

ato para além de uma intenção. Toda presença provoca uma ruptura, e engendra um ritmo particular na duração coletiva e na história dos indivíduos. A performance se dá no ato da escrita ao incorporar conteúdos correntes, e escrita performativa ressemantiza a dinâmica corporal na arte.

Esse processo de apropriação pela arte tradicional das linguagens cênica e audiovisual ressignifica um vasto complexo enunciativo na performances Gestos performativos não respondem a convenções comuns, mas impõem seus novos significados, “totalizando uniões de campos semânticos, dinâmicos e flexíveis.” (GLUSBERG, 2003, p.57).

Em meus vídeos e escritos, frequentemente sem nome, por vezes seriados a fim de me permitir a evolução de um tema visual ou mental – um personagem, um lugar, uma memória, que insistem a se mostrar de modos diferentes –, terminam por promover uma narrativa múltipla desencadeada por trocas de sujeitos ou objetos ao mesmo tempo; isto é, quem diz se desloca, a palavra passa de um para outro, como um diálogo entre os signos, objetos significantes, que oscilam e se alternam entre coadjuvantes e protagonistas.

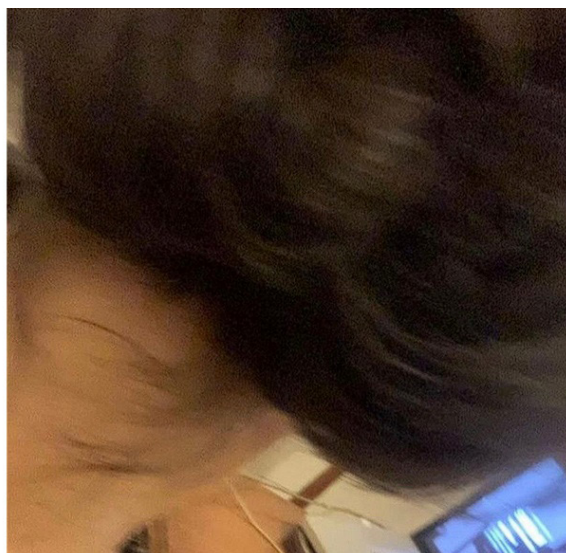
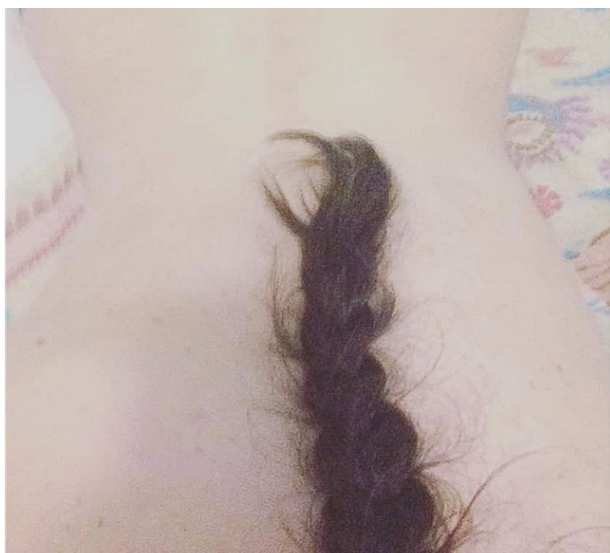
Minhas imagens e palavras são gesto de soberania no corpo. Menos atravessadas pelo vento ou por um outro que, quando aparece, transfigura uma escolha prévia e assume outra direção, como muitas vezes em que mudamos de ideia, de canal ou de página em sequências descontínuas que manifestam um corpo presente naquele momento, como em “Venta” (inédito):

*os galbos prata gritam em silêncio  
talher não se bate no prato  
olhos enormes brilham mais que a faca quando doentes  
parece que já sequei  
os dedos nos galbos  
o garfo no calado  
a barriga no quase*

*a imagem do corpo não se vê  
como a mulber deserta, a mulber venta, a que junta  
uns tantos de si pra dividir  
por mil e um e sempre sobra*

*o silêncio do mundo  
só pode viver em mim  
esgotante riso que se faz festa  
de quem*





Imagens 3 e 4: Estudos sobre visibilidade (Monica Toledo Silva, 2020).

### 3. Escrituras Desviantes

A capacidade de entrega do corpo a uma realidade ou estado de vacância que se faz emergente, insistente, um estado vazio que não se preenche com acontecimentos, coisas, lugares ou pessoas – o sentimento vivo de uma amplitude na qual nenhum gesto é capaz de ocupar conscientemente mais que um pequeno abrigo, momentâneo afago, consiste na consciência deste estado vacante do qual se ocupam os autores exemplificados aqui. Esta condição ultrapassa a situação de refúgio ou realidade de migração e se torna uma qualidade da escrita, porque é sensorial e constante e abre-se em campos infinitos de enunciação.

Os vazios férteis de Virginia Woolf, desde a 2ª Guerra, são compartilhados por Simone de Beauvoir em seu “O peso da idade II” (1961) desde Paris, onde passa fome, participa de barricadas e começa a formular “O segundo sexo” (1949). Mas é nos passeios de bicicleta com Sartre pelo interior francês, fugindo das bombas, que introduz sua escrita poética libertária, "quando suas pernas ocupam todo o seu corpo", quando se encontra cansada, assustada, e comenta teorias e sensações físicas em passagens brilhantes, como esta de “Mal entendido em Moscou” (2018, p.76.):

*Cada manhã antes de abrir os olhos ela reconhecia sua cama, seu quarto. Mas às vezes quando dormia de tarde experimentava ao acordar aquela estupefação pueril: por que eu sou eu... como se a consciência, emergindo despercebida do sono, hesitasse antes de se reencarnar. O que a surpreendia - como a criança quando toma consciência de sua própria identidade - era se encontrar no âmago de sua própria vida e não na de outra pessoa: por qual acaso... eu poderia ter sido uma outra, mas então teria sido uma outra que se interrogaria sobre si. Isto lhe provocava a vertigem de sentir de uma só vez sua contingência e a necessária coincidência com sua história. Nicole, sessenta anos, professora aposentada. Ela se lembrava do primeiro cargo, das folhas mortas que estalavam sob os pés no outono de sua província. Então o dia da aposentadoria - separado dela por um lapso de tempo duas vezes mais longo que o quanto vivera - lhe parecia irreal como a morte. Pensava com nostalgia sobre a porta pela qual não passaria mais, os corredores encerados, os risos que nunca mais ouviria. E esta linha possuía a precisão de uma cortina de ferro. Estou do outro lado. E pensou no jardim de Ville-neuve, no perfume dos ciprestes e das rosas castigadas pelo sol. Voltando de Moscou, vou deixar Paris e me insta-*

lar na Provence. Viver como turista não é sempre divertido, comentou ele. De qualquer modo, ficar mais dez dias não é motivo para drama, declarou ela. No corredor, estavam reconciliados. (BEAUVOIR, 2018)

“A infinidade do outro não seria o que é se não guardasse em si a negatividade do indefinido” (do grego *apeiron*: indeterminado): Lévinas (*apud* DERRIDA, 2016, p.162-3) sugere que o infinitamente outro "tolera e mesmo exige a alteridade infinita", e então seria preciso renunciar à toda linguagem – em primeiro lugar às palavras infinito e outro –, este só poderia ser o que é (infinitamente outro) na finitude e na mortalidade. Toda redução do outro seria uma possibilidade, eventualidade. A necessidade de ter acesso ao sentido do outro "em sua alteridade irreduzível" seria chamada violência – tal necessidade como origem da relação com o outro, sendo ao mesmo tempo não-violência, uma vez que "abre a relação com o outro." Esta economia, essa abertura, acessaria a liberdade ética.<sup>3</sup> (*ibid.*, p.182-3):

O pensamento condiciona o respeito do outro como o que ele é: outro. Sem esse reconhecimento, que não é um conhecimento, sem esse "deixar-ser" de um sendo (outrem) existindo fora de mim sendo o que ele é - antes de tudo em sua alteridade - nenhuma ética seria possível. "Deixar-ser" é expressão de Heidegger que concerne a todas as formas possíveis do sendo e mesmo àquelas que não se deixam transformar em objetos de compreensão. Deixar-ser o outro em sua existência e em sua outridade é ter acesso ao que é existência e ao que é o ser que ambas pressupõem.

Em meus experimentos com a mobilidade, dialogo com uma realidade vacante que me permite perceber uma natureza inconstante, que exploro também com a câmera em formas de apresentação possíveis desde paisagens voláteis, ainda que comuns. Compartilho a seguir quatro imagens (*frames*) desta obra realizada após um passeio peculiar que se revelou um encontro de espaços num só tempo presente, de lugares possíveis porque afetados, e que preenche um vazio perene.

O vídeo “*Mermaids' talk*” (2023) resgata um rosto feminino que se enfeita, inspirado na sereia, ser mítico atemporal. Corpo, água e árvores fundidos e refletidos buscam uma forma de apresentação do feminino que sempre se resgata em si mesmo, atravessando espaços vazios e desejos possíveis. Em “*Tea time*”, experimento a passagem do tempo no isolamento da pandemia colecionando sachês secos de chá, sobrepostos à minha própria imagem diante de um pequeno espelho pelo qual sucessivamente pinto e limpo o rosto, em sobreposições de cores que diluem pensamentos.

Marcelle Marcé (2018, p.30) valida o que cada um põe em ação "num momento de vulnerabilidade ampliada ou situação de precariedade", e lembra que os astros – no latim, considerar é contemplar os astros – devem ser olhados com cuidado para tomar em estima. Giorgio Agamben (2018, p.37) complementa esta prática com a ideia da aventura – do latim *adventus*, *eventus* – como narrativa que vive apenas nela e através dela, sendo o próprio evento de palavra não o dom de narrar, mas o próprio narrar. Aventura seria, assim, uma "forma autônoma, parte da série

<sup>3</sup> A noção de violência como dissimulação ou opressão do outro já é apontada por Lévinas como alteração do outro enquanto ele é o que é. Derrida questiona (2016, p.190-1) a ideia de finitude como violência original do discurso, segundo Lévinas, que obedeceria à ordem de voltar-se contra si, de ser sempre, como linguagem, retorno contra si que reconhece o outro como tal. A história como finitude e violência permitiria o aparecer da história como tal, que dissimularia sua própria abertura como logos – finitude, história, violência. Interpretação "do fundo de um silêncio, de um afeto da fala, que só pode ser dita esquecendo-se de si, para os gregos; estranho diálogo entre a fala e o silêncio."

infinita das experiências, (...) e aproximada dos sonhos - fora da conexão significativa do todo da vida e mesmo fora de sua continuidade.". Afirmar Virginia Woolf (2021, p.19):

*Considerando como é comum a doença, a tremenda transformação espiritual que ela traz, as assombrosas terras desconhecidas que se descortinam quando as luzes da saúde se apagam, os ermos e desertos da alma que um brando ataque de gripe revela, os precipícios e prados salpicados de flores coloridas que a mais leve das febres deixa à mostra, os carvalhos antigos e obstinados que o adoecer desenraíça em nós, como descemos até o poço da morte e sentimos as águas do aniquilamento se fecharem sobre nossas cabeças e despertamos... As grandes guerras que o corpo, tendo o pensamento como seu escravo, trava na solidão do quarto contra o ataque da febre ou a investida da melancolia, são negligenciadas. Uma mera colegial quando se apaixona tem Shakespeare ou Keats para falar em seu lugar; mas basta um padecente tentar descrever sua dor para o médico que a língua seca. Não há nada pronto à sua disposição. Ele se vê obrigado a cunhar palavras por conta própria e, tomando em uma das mãos a dor e na outra um naco de puro som (como talvez tenha feito o povo de Babel no princípio), os amassa de tal modo que dali brote uma palavra novíssima. Provavelmente algo risível. Os seres humanos não andam de mãos dadas ao longo de todo o caminho. Existe em cada um uma floresta intocada; um campo nevado onde não há sequer pegadas de pássaros. Por aqui vamos nós e assim até preferimos.*

Sendo a linguagem como um domínio e articulações e o entendimento do corpo como agente e repercussor de intensidades e afetos, princípios organizativos em linguagens confluentes (no lugar de ancoragens fixas) revela-se uma forma fértil para lidar com os desdobramentos e hibridizações das linguagens no fluxo de novas formas de narrar, criar e (re)constituir histórias.

A percepção do refúgio na literatura é ampliada por experiências de autores e/ou personagens, por deslocamento forçado (como o impulsionado por guerras e outras formas de violência, violação de direitos humanos, regimes totalitários), estendendo-se a campos imaginários e fugas mentais, em renovadas articulações das palavras.

A literatura desviante foge do gênero e tem o corpo do autor atravessado por espaços distintos (culturas, trânsito de nacionalidades, vivências em países diversos, ou deslocamentos na própria composição do texto e construção de paisagens, que em si (senão quando a própria autora é a personagem) trasladam por tempos diversos pela narrativa.

A imaginação também atua por intensidades sensoriais, atribuindo à realidade um lugar sensível e desejante (onde se quer estar, em simultaneidade aos acontecimentos compartilhados ou atestados por outros). A fronteira e a migração também se apresentam na arte da escrita como aberturas por onde agregar forma ou sentido, por esses corpos “expandidos” que não se limitam a um só tempo e espaço, desejo e memória: cortes e fissuras, dramas particulares, ocupam um extenso presente.

Quando navegamos por passados distantes, reconfiguramos fatos ao revê-los, reinterpretá-los agora em conjunto com a lembrança que ficou – a cena o grito o susto. Na criança, tudo parece grande, a visão perturbadora da novidade; na jovem, ganha-se em intensidade, quantidades sem fundo nem tamanho. Então um grande normal se configura por algumas décadas, quando achamos que temos que dar conta da vida, domá-la, aceitá-la, como um apaziguamento levado com aridez, rancor, culpa ou em estado de guerra latente.

Se de trás das cortinas permitimos entrever cenas já sem nome nem lugar, damos vazão a imagens que retornam de impressões represadas. E que podem se organizar numa forma nova ou arranjo atraente pra que novos afetos lhes atribuam sentidos. Um arranjo (des)organizado recusa padrões literários e se aventura num misto semântico que alterna sujeitos, muda pontos de vista, como um olhar oscilante que capta coisas distintas ao mesmo tempo.

A ideia de real ou de imaginário também se esvai em configurações discrepantes que são a forma possível pela qual palavras se organizam, como nestes três poemas de “Deságua” (2025):

*um romance sem tempo  
no texto que vira poema  
o corpo chora  
mais quando está duro  
e seco  
tentando se mover da coisa  
qualquer  
dói ficar olhado sem poder  
ir  
dançar pra chorar sem lágrima*

*tentar reatar-se  
atar a si mesma*

*um corpo de luz passeia em mim  
olhar atento vadia  
sem sombra de dúvida já vi assim  
a sobra sabe o lugar de si*



Imagem 5: frame do vídeo “Mermaids talk” (Monica Toledo Silva, 2022).

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *A aventura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018
- BEAUVOIR, S. de. *Mal-entendido em Moscou*. Record, 2018 [1967-1992]
- \_\_\_\_\_. *O peso da idade II*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016 [1961]
- DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2016 [1967]
- GLUSBERG, J. *A arte da performance*. São Paulo: Perspectiva, 2003
- MALCHER, M. *Flor de gume*. São Paulo: Pólen, 2020
- MARCÉ, M. *Siderar, considerar: Migrantes, formas de vida*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2018
- MERLEAU-PONTY, M. *Le Visible et l'invisible, suivi de notes de travail*. Claude Lefort (ed). Paris: Gallimard, 1964
- NEGRI, A. *A anomalia selvagem*. São Paulo: Politeia, 2018
- PLATH, S. *A redoma de vidro*. São Paulo: Biblioteca azul, 2020
- PERRONE-MOISÉS, L. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das letras, 2016
- RIBEIRO, Ana E. *Tarefas da edição*. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2020
- SILVA, M. T. Abordagens visuais de um corpo vivo. *Letras em Revista*, v.15 n.2. Teresina: UESPI, 2024
- TAIA, A. *Um país para morrer*. São Paulo: Nós, 2021
- WOOLF, V. *Sobre estar doente*. São Paulo: Nós, 2021
- ZUMTHOR, P. *Escritura e nomadismo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005

